O que é a balança comercial e o que significa importar mais do que se produz

A balança comercial é um daqueles conceitos económicos que soa complicado mas que, no fundo, é bastante simples de compreender, e que diz muito sobre a posição de um país face ao resto do mundo em termos do que produz e do que consome. Em poucas palavras, a balança comercial é a diferença entre o que um país vende ao exterior e o que um país compra ao exterior, ou seja, entre as suas exportações e as suas importações; por isso é uma balança. As exportações são tudo o que uma nação produz dentro do seu território e vende a outros países, e as importações são tudo o que uma nação compra a outros países e traz para consumir ou usar dentro do seu território. Então, quando se subtraem essas duas coisas — o que se vende fora menos o que se compra fora —, obtém-se a balança comercial, e daí resultam duas situações possíveis: que o país venda mais do que compra, o que se chama superavit comercial, ou que o país compre mais do que vende, o que se chama défice comercial. Neste documento vou explicar o que significa verdadeiramente cada uma dessas situações e, sobretudo, o que implica que um país importe mais do que produz, que é a situação em que se encontra boa parte das nações atualmente.

Quando um país tem "superavit comercial" significa que produz mais do que consome do exterior, que é capaz de gerar bens suficientes não só para se abastecer mas também para vender ao resto do mundo, e com isso entra dinheiro no país, porque por cada coisa que exporta recebe um pagamento do exterior. Um país com superavit é um país que produz, que fabrica, que tem uma base produtiva forte capaz de concorrer e vender noutros mercados. Em contrapartida, quando um país tem défice comercial significa o oposto: que consome mais do que produz, que compra do exterior mais do que é capaz de vender, e isso significa que sai dinheiro do país para o exterior para pagar tudo o que compra e não produz. À primeira vista parece muito fácil: o superavit soa bem porque entra dinheiro, e o défice soa mal porque sai dinheiro, mas a questão é mais profunda do que isso, porque o verdadeiramente importante não é apenas o fluxo de dinheiro, mas sim o que essa situação revela sobre a capacidade produtiva real de uma nação. Um país que importa mais do que produz é um país que depende de outros para se abastecer das coisas de que precisa, e essa dependência é uma debilidade estrutural, independentemente de quanto dinheiro pareça mover-se, ou de fazerem parecer esse volume movimentado como um benefício do país ou um logro económico, tal como os meios de comunicação costumam fazer, quando na realidade se trata apenas de um volume que pode inclusivamente ir contra a economia real.

Para entender o que significa importar mais do que se produz, é preciso pensar no que isso implica de fundo. Quando um país não produz o que consome e o tem de trazer de fora, está a depender da produção de outros para funcionar; depende de que outros países lhe vendam os alimentos, a energia, os produtos manufaturados, a tecnologia e as matérias-primas de que a sua própria população necessita. Enquanto tudo corre bem e existem divisas para pagar essas importações, o problema não se nota: as pessoas vão às lojas e encontram de tudo, os produtos chegam, tudo parece normal. Mas essa normalidade está sustentada pela capacidade de continuar a comprar ao exterior, e essa capacidade depende de ter com que pagar, de ter as divisas, de manter o acesso a esses produtos (o

que, num cenário geopolítico, deixa o país completamente frágil). Portanto, o dia em que esse país tiver problemas para conseguir as divisas com que paga as suas importações, ou o dia em que, por qualquer razão externa, o fornecimento externo for cortado ou encarecido, esse país fica expuesto, porque não tem uma base produtiva própria que o sustente, não podendo produzir internamente o que deixou de poder comprar. É aí que se vê a fragilidade de depender das importações: uma nação que produz o que consome consegue atravessar e enfrentar crises externas, conflitos e interrupções globais com muito mais resistência, porque a sua base produtiva a sustenta a partir de dentro, enquanto uma nação que importa quase tudo fica à mercê do que se passa fora e da sua capacidade de continuar a pagar. Num conflito ou acontecimento mundial, o país com superavit comercial não tem problemas diretos em termos económicos, e a sua resposta ou participação seria mais de cariz militar, porque simplesmente não lhe podem afetar a economia a partir de dentro, dado que precisamente o que está dentro do próprio país o sustenta e produz. Por outro lado, um país com défice comercial pode ser atacado por todas as frentes possíveis, privando-o dos produtos básicos — o que é conhecido como "embargos comerciais" —, e com apenas fazer isso fica vulnerável em tudo, incluindo o seu exército nacional.

Mas a maioria das nações tem défice atualmente, por muito que os seus políticos corruptos digam que a economia vai de vento em popa; eu prefiro acreditar nos comerciantes e nas pessoas que participam na economia real, e não em agências sem vergonha que maquilham tudo, tal como têm vindo a fazer nos Estados Unidos, que considero ser a nação que mais mentiu sobre a sua economia na história durante o último ano — nenhuma de que tenha conhecimento atreveu-se a tanto. Assim sendo, um défice comercial sustentado durante muito tempo só é possível se esse país tiver meios para o financiar, e aqui entra a perda de valor, porque se um país compra mais do que vende constantemente, tem de pagar a diferença de alguma maneira, e essa maneira geralmente consiste em endividar-se ou em atrair capital do exterior. Ou seja, voltamos ao ciclo do crédito: um país que importa mais do que produz de forma sustentada acaba por financiar esse excesso de consumo com dívida ou com a entrada de capitais estrangeiros, vendendo ativos, atraindo investimento ou endividando-se, o que se conecta com o que já expliquei noutras aulas sobre a dívida, pois esse défice comercial sustentado vai aumentando a dependência de financiamento externo. Portanto, não só o país depende de outros para se abastecer de produtos, como também depende de outros para financiar essa mesma dependência, o que aprofunda ainda mais a sua fragilidade. Existe um caso particular que quebra um bocadinho esta dinâmica, que é o dos países que possuem uma moeda forte e dominante a nível mundial, pois esses países conseguem sustentar défices comerciais enormes durante muitíssimo tempo, já que pagam as suas importações com a sua própria moeda, que o resto do mundo aceita e necessita, permitindo-lhes comprar ao exterior sem a mesma pressão que qualquer outro país enfrentaria. Contudo, essa é uma exceção que depende de se ter esse privilégio monetário, e a imensa maioria das nações não o tem; assim, para quase todos os países, um défice comercial sustentado é um encargo real que tem de ser financiado e que aumenta a dívida.

É preciso também compreender que a balança comercial revela que tipo de economia um país tem por dentro. Não é a mesma coisa um país cujas exportações são produtos elaborados, manufaturados e com valor acrescentado, do que um país cujas exportações são exclusivamente matérias-primas por processar, pois quem exporta produtos elaborados possui uma base industrial e produtiva mais sólida

e mais difícil de substituir, ao passo que quem apenas exporta matérias-primas depende dos preços dessas mesmas matérias-primas — preços que não controla e que sobem e desce conforme fatores da dinâmica de mercado que nada têm a ver com a economia real. Assim, dois países podem ambos apresentar superavit comercial mas encontrar-se em situações completamente distintas: um forte devido à sua indústria e outro frágil por depender da venda de recursos não processados a preços que não domina e que, na sua maioria, tal como acontece com as divisas, vende ou troca a preços desvalorizados. O mesmo se aplica às importações: não é igual um país que importa bens de luxo ou produtos que ele próprio poderia produzir, e um país que importa coisas que realmente não consegue produzir devido às suas condições. Num modelo económico sério, há que analisar o que se exporta e o que se importa, e não apenas o número final da balança, porque esse detalhe da composição é o que demonstra a verdadeira estrutura económica de uma nação; uma balança comercial pode parecer equilibrada no número mas esconder uma economia que exporta o básico e importa o valioso, o que com o tempo a vai debilitando.

Outro aspeto que convém analisar é a forma como a balança comercial se relaciona com a moeda de um país, pois quando uma nação importa muito mais do que exporta, necessita constantemente de divisas estrangeiras para pagar essas importações, e essa procura constante de moeda estrangeira exerce pressão sobre o valor da sua própria moeda, geralmente debilitando-a, dado que para comprar fora precisa de trocar a sua moeda local pela estrangeira, e quanto mais importa, mais necessita dessa moeda externa. Em contrapartida, um país que exporta muito recebe constantemente divisas estrangeiras pelas suas vendas, o que tende a fortalecer a sua moeda ou, pelo menos, a conferir-lhe estabilidade. Consequentemente, a balança comercial está diretamente ligada ao comportamento da moeda de uma nação, e um défice comercial sustentado costuma vir acompanhado de pressões sobre o valor da moeda local, o que por sua vez encarece ainda mais as importações — pois se a moeda se enfraquece, comprar fora custará mais, originando um ciclo em que o défice pressiona a moeda, a moeda mais débil encarece as importações, e tudo se torna cada vez mais complicado. Por essa razão, a balança comercial não é apenas um dado isolado do comércio, mas sim algo intrinsecamente ligado à moeda, à dívida e à estrutura produtiva, estando tudo interligado neste caso. Desse modo, esse dado reflete também o quanto se espremeu o valor real da divisa de uma nação, uma vez que, quanto mais compra ao exterior, mais vendeu a sua moeda para realizar essa transação, desvalorizando ainda mais o seu próprio dinheiro para conseguir o que não consegue obter internamente, constituindo assim uma dupla afetação.

Sendo assim, espero que fique claro que a balança comercial, muito para além de ser o típico conceito difícil de estudar nas universidades, representa a diferença entre o que um país vende e o que compra ao exterior, revelando muito mais do que um simples fluxo de dinheiro tradicional ou um padrão teórico de um manual; revela se uma nação produz o que consome ou se depende de outros para se abastecer. Importar mais do que se produz significa depender da produção alheia para funcionar — uma dependência que passa despercebida enquanto tudo corre bem, mas que deixa um país exposto quando algo externo falha, sendo financiada com dívida ou capital estrangeiro, o que aprofunda ainda mais a fragilidade, salvo no caso excecional dos países com moeda dominante que conseguem sustentar esse desequilíbrio devido ao seu privilégio monetário. Além disso, a composição do que se exporta e do que se importa demonstra a verdadeira estrutura económica de uma nação, e tudo isso

está associado ao valor da sua moeda. O aspeto fundamental a compreender é que um país verdadeiramente forte nada tem a ver com a fortaleza económica que nos tentam vender atualmente; não é o que mais consome nem o que tem as lojas mais cheias de produtos importados, de atividade e de transações, mas sim aquele que é capaz de produzir o que necessita, pois essa capacidade produtiva é o que confere resistência e autonomia real, ao passo que depender de comprar tudo ao mundo constitui uma debilidade, por muito que à superfície pareça abundância — ou pior ainda, tal como fazem os atuais governantes, que celebram o facto de irem comprar fora e deixar de produzir internamente, aclamando-o como um "grande negócio, grande acordo com outras nações, grande tratado de comércio", quando tudo isso não passa da maneira elegante de dizer ao país que este se tornará agora mais dependente, pobre e ineficiente. Com isto encerro este documento sobre a balança comercial e o que significa verdadeiramente produzir ou depender de outros, dirigido a quem quer compreender como se mede a verdadeira fortaleza económica de uma nação para além das aparências.